

ATA N.º 2/2016

**SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE BORBA
REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE ABRIL DE DOIS MIL E
DEZASSEIS**

Aos vinte e cinco dias do mês de abril de dois mil e dezasseis, no Salão Nobre dos Paços do Município, reuniu pelas dez horas e trinta minutos em sessão extraordinária, a Assembleia Municipal de Borba, com a seguinte ordem de trabalhos: -----

----- **PONTO ÚNICO:** Sessão solene comemorativa do quadragésimo segundo aniversário do vinte e cinco de abril de mil novecentos e setenta e quatro -----

-----Tendo presente o nº 1 do artigo 28º da Lei 75/2013 de 12 de Setembro lavra-se a presente ata--

----- **O Senhor Presidente da Assembleia Municipal** procedeu à abertura da sessão e ordenou a realização da chamada, verificando-se a presença dos Membros: Luiz Manuel dos Santos Bimbo; Ricardo Jorge Brinquete Lapão; Rui Miguel Tavares Nobre Franco; Célia Maria Matos Alpalhão; Pedro Manuel Alpalhão Bilro; Leonel António Valentim Infante; António Júlio Florindo Prates; Francisco José Ramalho Mendes; Celso Miguel Lopes Ramalho; Joaquim Manuel Ganito Trincheiras; Augusto Manuel Bilro Guégués; João Miguel Cordeiro Geadas Letras; ; Paulo Jorge Ramos Ferreira; António Joaquim Moura Lopes; Sérgio João Pécurto Gazimba; Crispim Francisco Avó Lopes; Paulo Jorge Panasco Aires; Quintino Manuel Primo Cordeiro; João António Ameixa Morgado.-----

----- Verificou-se a ausência dos membros: Pedro Manuel Lopes Grego, que justificou a sua falta. (que se arquiva em pasta anexa como **doc. nº. 1**), e foi substituído pelo membro Sérgio João Pécurto Gazimba. João Pedro Velez Paulo, que justificou a sua falta. (que se arquiva em pasta anexa como **doc. nº. 2**), e foi substituído pelo membro António Joaquim Moura Lopes. Ângelo João Guarda Verdades de Sá, que justificou a sua falta. (que se arquiva em pasta anexa como **doc. nº. 3**), e foi substituído pelo membro Celso Miguel Lopes Ramalho. -----

----- **O Presidente da Assembleia Municipal** disse que, como era costume, na sessão comemorativa do vinte e cinco de Abril usariam da palavra as quatro forças políticas com representação na Assembleia Municipal, por ordem crescente de representatividade, a seguir o Senhor Presidente da Câmara Municipal e, no final, o Senhor Presidente da Assembleia Municipal.-----

----- Informou que tinha sido lançado, pela mesa da Assembleia Municipal, um desafio à Escola EB2,3 de Borba, no sentido de se ouvir o que os jovens, naquele caso de dois jovens do 9º(A) ano, pensam sobre o que que tinha sido o 25 de abril e aquilo que o mesmo representava. -----



Município de Borba

Assembleia Municipal

(ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL REALIZADA EM 25 DE ABRIL DE 2016)

----- Disse que aquela sessão seria iniciada com os discursos daqueles dois jovens. -----

----- Seguidamente chamou a jovem **Carolina de Deus Pedreiro**, para que aquela lesse o discurso (o qual se anexa no final desta ata, como **anexo n.º 4**). -----

----- Em seguida leu o seu discurso o jovem **Marco António Sêbo da Luz** que se anexa no final desta ata, como (**anexo n.º 5**). -----

----- O senhor Presidente da Assembleia Municipal agradeceu aos dois jovens a sua participação naquela sessão do 25 de Abril da Assembleia Municipal e, de seguida, cedeu a palavra ao representante da CDU. -----

----- O membro **Sérgio João Gazimba** em representação da força política **CDU -Coligação Democrática Unitária**, proferiu o seu discurso, que se anexa no final desta ata (**anexo n.º 6**). -----

----- Seguidamente o senhor **Presidente da Assembleia Municipal** cedeu a palavra ao senhor **Paulo Jorge Ramos Ferreira**, que em representação da força política **PSD – Partido Social Democrata**, leu o seu discurso, que se anexa no final desta ata (**anexo n.º 7**) -----

----- Seguidamente discursou o membro representante do **PS - Partido Socialista**, o senhor **Augusto Manuel Bilro Guégués**, cujo discurso se anexa no final desta ata (**anexo n.º 8**). -----

----- Seguidamente discursou o membro representante do **MuB - Movimento Unidos por Borba**, o senhor **Ricardo Jorge Brinquete Lapão**, cujo discurso se anexa no final desta ata (**anexo n.º 9**). -----

----- Seguidamente proferiu o seu discurso o senhor **Presidente da Câmara Municipal**. -----

“- *Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal* -----

- *Exmos. Senhores Vereadores* -----

- *Exmos. Senhores Membros da Assembleia Municipal* -----

- *Exmos. Senhores Presidentes de Juntas* -----

- *Especial Saudação aos Jovens; Carolina Pedreiro e Marco da Luz* -----

Para a minha geração e particularmente a mim, toca-me muito esta data. Porquê? Primeiro porque conheci muitos militares do movimento do vinte cinco de abril. Pessoas que generosamente deram a cara, corpo, família e a honra porque acreditaram que este mundo poderia e deveria ser mais justo e melhor para todos. -----

Lembro-me, de juntamente com o Augusto Guégués, o Barnabé Pisco (...), em 1972/1973, falarmos sobre os movimentos de libertação, ouvir música não autorizada na época, ler alguma literatura proibida e era assim que se processavam as coisas antes do vinte cinco de abril de 1974, para as pessoas mais interessadas em perceber o que se passava em Portugal e no Mundo. -----

Abril foi iniciado, mas nunca está completado! Isto porquê? Porque nós não queremos, nós abdicamos, nós deixamos que sejam os outros a decidir por nós. E quando isso sucede, naturalmente as coisas não andam! Falamos de terras pequenas, ou num grande país. -----



Borba

Município de Borba

Assembleia Municipal

(ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL REALIZADA EM 25 DE ABRIL DE 2016)

Falamos da Constituição Portuguesa, quarenta anos, Poder Democrático quarenta anos, em doze de dezembro, celebra-se as primeiras eleições. Há quarenta anos, quem ganhou as eleições autárquicas em Borba foi o senhor Sérgio Alpalhão. -----

Em 1974/1975 houve mais de quinhentos mil portugueses considerados "retornados", refugiados, que vieram das colónias ou das províncias ultramarinas, e que tiveram de iniciar uma nova vida em Portugal. Vejam o que se passa neste momento na Europa. -----

Nessa altura, fui responsável pelo recenseamento destas pessoas no concelho de Borba. -----

Os militares de abril, que eu conheci, não ganharam nada! O que é que fizeram? Fizeram o golpe militar, entregaram o poder aos civis, voltaram aos quartéis, e uma parte deles bem tratados outros maltratados, e ainda por cima desrespeitados, que é o mais grave. -----

Quando se fala do Portugal atual, passados quarenta e dois anos, o que é que nós temos? Pertencemos à Comissão Económica Europeia, União Europeia, ganhamos muito dinheiro com esses Quadros Comunitários que vieram. Houve desenvolvimento em termos de estrutura, evoluímos em termos de educação, de saúde, mas essa evolução não foi suficiente. Porque muitas das vezes, os nossos governantes, governam de uma maneira muito "esquisita", arranjando dívida, o que provoca a dependência dos outros (TROIKA, FMI...). -----

Relativamente à Constituição, foram feitas revisões constitucionais, um documento que é feito nunca poderá ser imutável, nunca poderá ser estanque, nem estático. O mundo evoluiu, portanto, compete aos políticos, em conjunto, verificarem o que é necessário para que existia uma mudança, mas uma mudança, que faça de Portugal um país melhor. Sem a nossa dedicação, o nosso empenho, vontade, participação, é evidente que Portugal não avança. Por muitas teorias que existiam, as quais apontam que as culpas são dos políticos que estão no governo, sejam eles PS, CDU, PEV, PSD, CDS, ou os políticos que estão nas autarquias, tem sempre de existir, empenho, dedicação e querer, para que se faça alguma coisa! Existe sempre a tentação de nos sobrepormos aos outros, quando não ocupamos os lugares deles. De realçamos, que seríamos capazes de fazer melhor, se ocupássemos esses lugares, mas na realidade isso por vezes não acontecesse. -----

Os jovens que aqui vieram hoje dar testemunho do que esta data significa para eles, falaram em coisas como a igualdade de género e nos três "D", Democratização, Desenvolvimento e Descolonização. É evidente que em termos de desenvolvimento presentemente nós estamos melhor, mas longe de estarmos bem. -----

O desemprego dos jovens, o desemprego das pessoas com idade entre os quarenta e cinquenta anos, são situações muito evidentes no nosso país. A situação destas pessoas, por vezes é resolvida temporariamente, através de cursos de formação profissional, sem nunca terem acesso a uma situação definitiva da sua vida profissional. -----



Município de Borba

Assembleia Municipal

(ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL REALIZADA EM 25 DE ABRIL DE 2016)

O importante não é criarmos pessoas para trabalhar, o importante é dizermos que os nossos índices de desemprego são cada vez mais baixos, só que na realidade, isso não se verifica. Olhamos para o nosso concelho, que não tinha desemprego, em que era um concelho onde a base industrial (extração e transformação de mármore), era muito boa. Mas de repente a crise também se instalou no setor do mármore e surge o desemprego no nosso concelho. Felizmente que está a ser colmatado com a atividade rural (agricultura). Uma terra que não capte indústria, que não permita que haja investimento, naturalmente que sofre as consequências. A nossa vantagem é o concelho ser pequeno, em termos de dimensão e de população. -----

A Câmara Municipal de Borba gastou mil euros no fogo de artifício das comemorações do vinte cinco de abril, dando cerca de treze cêntimos por habitante, este é um exemplo da economia de escala. ---- Se não houver trabalho, emprego, a economia de escala não funciona. Algum tempo atrás, apareceram umas pessoas que queriam investir em Borba. Esse investimento contemplava, supomos, cerca de seiscentos postos de trabalho, só que entendi que isso era um pouco de "fantasia". Na minha opinião, se aparecer alguém interessado em investir em Borba e criar dez ou vinte postos de trabalho, é mais viável, que empresas com grandes dimensões. Mas esta é a minha opinião! Nós queremos um concelho bom, justo, onde não exista desemprego, e compete a nós este trabalho. -----

Quando os maiores empregadores num concelho pequeno, forem a Câmara Municipal e a Santa Casa da Misericórdia, mal vai o concelho. Porque muitas famílias estão dependentes destas duas instituições. Bem vai o concelho, onde existe indústria, comércio, serviços que permitirão emprego e desenvolvimento sustentável. -----

Presentemente uma das prioridades desta câmara é arranjar condições de investimento, para quem se quiser instalar em Borba, salvaguardando sempre os princípios do nosso concelho. A independência do nosso concelho, conseguem-se com contas limpas. Tentamos não cometer os mesmos erros do passado. Mas quem sou eu para criticar o passado! Passado já lá vai! Herdamos uma situação, e é nessa situação que temos de trabalhar, na evolução daquilo que existe, melhorando e trabalhando todos juntos, de forma que o nosso concelho evolua. -----

Ninguém é dono da verdade nem da razão! Todos temos verdade, razão e ideias cada qual na sua pessoa. Temos é de ter equilíbrio, de forma a juntá-las todas, em prol de Borba. -----

O vinte e cinco de abril, é "extremamente complicado", quando nós pensarmos que existem pessoas que têm de reforma trezentos euros mensais, dos quais têm que pagar todas as suas despesas, desde alimentação, saúde Quando existe um serviço nacional de saúde que funciona, mas que nem sempre é capaz de satisfazer as necessidades de quem precisa. -----

A constituição diz que a Educação é livre, universal é para toda a gente, mas na realidade isso não acontecesse. Enquanto esses pormenores não forem conseguidos, naturalmente abril não foi conseguido! Abril, relembra os nossos pais, todas as gerações anteriores que se "fartaram" de trabalhar, que acreditaram, que lutaram, muitos deles deram a vida, foram presos, torturados, e é



Município de Borba

Assembleia Municipal

(ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL REALIZADA EM 25 DE ABRIL DE 2016)

devido a eles que nós estamos hoje aqui a falar em democracia. Democracia é respeito, é dizer o que lhe vai na alma, respeitando os outros. A política é servir as pessoas, quem quiser servir é político, quem se quiser servir não é político. -----

Presentemente, Portugal é um país dependente, que precisa de ajuda externa, um país que é controlado por os outros. Borba é controlada pelo Estado Português. Temos de cumprir o que o estado Português nos impõe. Um governo dependente nunca fala de igual para igual. -----

A nossa grande grandeza é percebermos a nossa pequenez. -----

Viva o vinte cinco de abril, viva Borba, viva Portugal". -----

----- Finalmente discursou o senhor **Presidente da Assembleia Municipal (anexo 10).** -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia Municipal** deu por encerrada a Sessão pelas doze horas e dez minutos, da qual se lavrou a presente ata, composta por cinco páginas, que por ele vai ser assinada e pelos secretários. -----

Documentos anexos a esta ata:

Anexo 4: Discurso proferido pela jovem Carolina de Deus Pedreiro

Anexo 5: Discurso proferido pelo jovem Marco António Sêbo da Luz

Anexo 6: Discurso proferido pelo representante do CDU

Anexo 7: Discurso proferido pelo representante do PSD

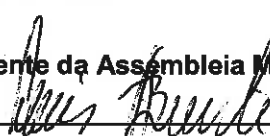
Anexo 8: Discurso proferido pelo representante do PS

Anexo 9: Discurso proferido pelo representante do MuB

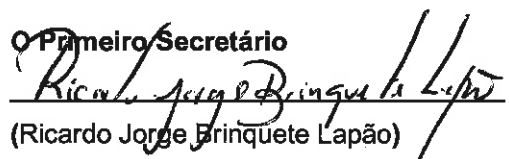
Anexo 10: Discurso proferido pelo Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Borba, 25 de Abril de 2016

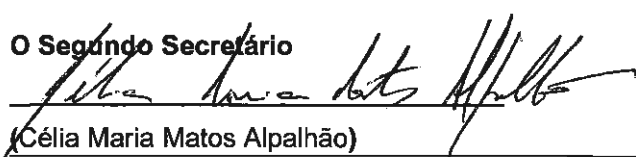
O Presidente da Assembleia Municipal


(Luiz Manuel dos Santos Bimbo)

O Primeiro Secretário


(Ricardo Jorge Brinquete Lapão)

O Segundo Secretário


(Célia Maria Matos Alpalhão)



Borba

Município de Borba

Assembleia Municipal

(ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL REALIZADA EM 25 DE ABRIL DE 2016)

Hoje comemoramos o 42º aniversário do 25 de abril.

O dia em que o povo português saiu à rua e lutou pelo que é seu por direito.

Liberdade, um dos direitos mais importantes que temos.

Um dia que resolveu muitos problemas que Portugal tinha, infelizmente, não resolveu todos os problemas que existem no nosso país e, como todos sabemos havia muitos problemas que eu poderia tratar hoje mas não quis deixar passar a oportunidade de falar no assunto da desigualdade de géneros, que me toca particularmente.

O facto de vivermos numa sociedade de padrões duplos onde as mulheres são menosprezadas em relação ao sexo masculino revolta-me bastante e queria abordá-lo de maneira a que todos vocês entendessem o quão importante este assunto é, ou deveria ser.

Quando falamos em desigualdade de género, o assunto do feminismo vem sempre à tona e é exactamente aí que quero chegar.

“Mas afinal o que é esta treta do feminismo?” – perguntam-se vocês. A resposta é tão simples quanto “Feminista é a pessoa que acredita na igualdade política, económica e social entre sexos” devido ao laco de informação que existe esta definição não era nada daquilo que muitos de vocês estavam à espera e compreendo

Há relativamente pouco tempo, provavelmente dois anos, deparei-me com a palavra feminismo e, de imediato, chamou-me a atenção e fiquei espantada por haver pessoas corajosas o suficiente para lutarem com o objectivo de trazer igualdade à nossa sociedade.

Apercebi-me também de que, infelizmente, este movimento tem vindo a ganhar uma conotação negativa. Feministas são mulheres vistas como demasiado fortes ou anti-homens e, por isso, muitas mulheres têm medo de se assumir como tal.

Quanto mais ouvia falar em feminismo mais me apercebia que lutar pelos direitos das mulheres se tornou sinónimo de odiar o sexo masculino.

O que é uma ideia completa e totalmente distorcida da realidade, porque afinal trata-se apenas de igualdade, de justiça chamar-lhe-ia eu.

E agora vocês perguntam-se: “Mas quem é esta rapariga e quem é que ela pensa que é para vir aqui ensinar-me ou impor-me o que quer que seja?”.

Bem, eu chamo-me Carolina, tenho 14 anos e acho que:

Quando tiver o meu emprego deveria ser remunerada da mesma forma que os meus colegas do sexo masculino.

Que o lugar de uma mulher não é na cozinha, se não for isso que ela quer.

Que deveria ter o mesmo respeito social que os homens.

Que não deveria ser julgada pela forma como me visto.

Que por ter pulso firme e ser assertiva não sou mandona nem deveria ser posta no lugar e, muito menos, acomodar-me ao que me é imposto quando acho que é incorrecto.

E que uma mulher não é definida pela quantidade de homens ~~e homens~~ que tem na sua vida, porque, como todos sabemos, uma mulher que teve vários homens é vista de uma forma negativa, enquanto que, um homem que teve muitas mulheres é considerado um verdadeiro macho.

Deveríamos ser livres de ter quem quisermos na nossa vida, sejamos homens ou mulheres, mas nada disto acontece e deveria mudar.

Tudo isto parece um assunto muito interessante para fazer com que as mulheres consigam ter um papel mais importante na sociedade, mas agora dirijo-me a todos os homens aqui presentes, isto também é algo do vosso interesse.

Tenho visto tantos jovens que sofrem sozinhos e são incapazes de procurar ajuda por medo de parecerem menos masculinos ou menores do que outros homens.

Não é muitas vezes falado sobre como os homens se sentem presos por estereótipos de género, mas eles são, e eu consigo vê-lo.

Quando houver igualdade de género, como consequência óbvia, tudo mudará para as mulheres.

Tanto os homens quanto as mulheres devem sentir-se livres para serem sensíveis.

Tanto os homens quanto as mulheres devem sentir-se livres para serem fortes.

É hora de conceber aos sexos uma visão conjunta e não apenas dois conjuntos de valores opostos.

Se pararmos de nos definir um ao outro com base no que deveríamos ser ou não e começarmos a definir-nos pelo que somos, todos nós poderemos ser um pouco mais livres.

Infelizmente, Portugal é conhecido como um país de velhos, um país de mentes fechadas e retrógradas. Mas eu acredito que os jovens são capazes de mudar tudo.

Acredito que a minha geração, ao contrário do que é dito, não está perdida, de todo.

Acredito que é capaz de romper com esta ideia negativa e, com a ajuda de todos, basta tentarmos ser justos e coerentes com pequenas acções do dia a dia.

Ações como respeitar todos como ser humanos que são. Basta tentarmos dar o nosso melhor aos outros, por nós.

Sozinha não posso mudar nada , mas juntos podemos marcar a diferença e conto com todos para que, assim que saírem daqui, reflectirem nas minhas palavras, nas vossas acções e no que devem ou não mudar.

Conto com todos vocês para tornarmos a nossa sociedade num lugar melhor.

MUITO OBRIGADA

Hoje estamos aqui para comemorarmos uma data bastante importante para o nosso povo Português, o 25 de abril, dia em que a nossa liberdade nos foi restituída depois de nos ter sido roubada por más pessoas; e uma data que demonstra a força do povo, a força que o povo tem na politica, porque neste dia o povo saiu à rua e mostrou a raça do povo Lusitano, a coragem, a vontade, o que mostra que quando queremos somos capazes de fazer tudo e que nenhuma arma nenhum regime esta a frente da nossa vontade, da vontade do povo!

Neste dia, celebramos também o dia em que os portugueses viram finalmente a luz ao fundo do túnel, a liberdade. Foi neste dia que os portugueses puderam sair à rua sem terem medo de poderem ser levadas pela PIDE, para serem torturados e levados para campos de concentração.

Esta data foi bastante importante para nós e é essencial que ninguém a esqueça, porque o que se conquistou ate agora não pode ser esquecido.

Mas ainda há muitos problemas para resolver, se olharmos a volta o que vemos?

Ainda há muitas pessoas que não têm um lar para ficar comida para matar a fome à hora das suas refeições, é triste! Ver pessoas com uma grande inteligência irem parar às ruas é lamentável; ver pessoas destas andarem á procura de comida em caixotes do lixo.

Todos os dias assistimos a notícias que relatam a subida do desemprego dos jovens. Para que é que os jovens acabam os seus cursos se depois vão parar ao desemprego? Para que é que os pais andam a gastar o seu rendimento se depois vêm os seus filhos acabarem as suas formações académicas e irem acabar em casa sem terem colocação, num país em que a população é cada vez mais envelhecida. O desemprego entre as pessoas mais velhas também é um problema que afeta o nosso país em demasia. Como é que uma pessoa com 50 anos é considerado velho e já não tem colocação e fica no desemprego e vai-se alimentando com rendimentos de cursos profissionais oferecidos pelo estado?

Falando do 25 de abril é impensável não falar dos 3 D's os três objetivos do MFA :

Democratizar;

Desenvolver a economia;

Descolonizar

Portugal sempre foi um país que viveu às custas dos escravos nas colónias e o país em si nunca se desenvolveu.

Os produtos não eram transformados cá como vinham das colónias eram assim vendidos e quem lucrava verdadeiramente era quem os que as transformavam.

O país esteve sempre dependente deles, mas tinha que acabar. Além das enormes perdas humanas. Estava na hora de deixar as colónias serem livres e nós desenvolvermo-nos como país.

Antes do 25 de abril, Portugal encontrava-se sob uma ditadura que era importante extinguir. Daí o MFA tomou

medidas para impedir que uma nova ditadura se ergue-se, portanto enviaram para o exílio Américo Tomás, Marcelo Caetano e outros ministros, nomeia a Junta de Salvação Nacional com os generais Spínola e Costa Gomes a encabeçar, para além de terem extinguido a PIDE, aboliram a censura, libertaram todos os presos políticos, os exilados regressaram, também autorizaram novos partidos e sindicatos livres. Formaram um Governo Provisório (Mário Soares, Álvaro Cunhal e Francisco Sá Carneiro).

Medidas muito importantes para o nosso país .

Quanto ao desenvolvimento, o MFA também tomou medidas à serca matéria, pois a crise de 70 e as perturbações revolucionarias conduziram Portugal a uma situação extrema, desequilíbrio das contas com o exterior... que só severas restrições aos salários e consumo conseguiu evitar a rutura das finanças.

Em 1986 Portugal aderiu a CEE beneficiando de fundos comunitários para a modernização da economia

melhoria das infraestruturas formação profissional etc.

Sendo uma economia aberta, mas inevitavelmente dependente do exterior. Problema que até aos dias de hoje nos afeta e é preciso uma solução que so todos nós podemos encontrar.

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal,

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal,

Exmos. Senhores Vereadores,

Senhoras e Senhores.

Celebramos o quadragésimo-segundo aniversário do 25 de Abril, comemoramos, provavelmente, o momento mais importante e determinante facto da história de Portugal, acontecimento que representa um marco que ficará, para sempre, gravado na nossa memória coletiva.

Comemoramos também o ato fundador da democracia portuguesa, saído do processo libertador da Revolução de Abril, da luta do povo português - a Constituição da República Portuguesa, proclamada no dia 2 de Abril de 1976. No seu quadragésimo aniversário é fundamental lembrar uma das mais avançadas constituições que o século XX viu nascer, tendo provado ao longo dos anos ser um apoio indispensável na regulação da vida democrática de nosso país. Uma base que reforça a legitimidade da luta, dos desejos e aspirações dos trabalhadores e do povo, a uma vida melhor, num Portugal mais fraterno e solidário, mais livre e mais democrático.

Celebramos uma Constituição que permitiu o renascer da esperança, a criação de um novo alento, tendo projetado a liberdade, a democracia, a justiça social, a paz e soberania. Uma Constituição que refletiu os direitos, os desejos, as conquistas e as profundas transformações de mudanças que o povo aspirava, naquele tempo de viragem e rutura com a ditadura fascista, a opressão e o colonialismo.



Foi a luta fortalecida e consolidada da aliança Povo/MFA que pôs em andamento as transformações que permitiram conquistar um vastíssimo conjunto de medidas a favor dos trabalhadores e do povo. Foi essa união que conduziu ao fim do capitalismo monopolista de Estado, que nacionalizou monopólios, que realizou a reforma agrária, entregando a terra a quem a trabalha, que construiu o Poder Local democrático – assumindo a liberdade em toda a sua grandeza.

É nesta lei fundamental que se inscrevem os direitos dos trabalhadores como parte integrante da democracia - direitos sindicais, direitos laborais, direito à justiça, à segurança no emprego, a uma distribuição mais justa da riqueza, com a concretização do direito a salários mais justos e a horários de trabalho mais dignos.

É neste documento que estão registados: o direito ao trabalho para todos; a execução de políticas económicas de pleno emprego.

É na Constituição da República Portuguesa que se reconhece às mulheres o direito à igualdade no trabalho, na família e na sociedade. É nela que constam importantes direitos das crianças, dos jovens, dos reformados e das pessoas com deficiência.

É aqui que está proclamada a exigência da submissão do poder económico ao poder político e a obrigação do Estado de dar prioridade às políticas económicas e de desenvolvimento que assegurem o aumento do bem-estar social, a qualidade de vida das pessoas, a justiça social e a coesão económica e social de todo o território nacional.

É lá que se conservam como princípios fundamentais: a propriedade pública dos recursos naturais e dos meios de produção, de acordo com o interesse coletivo; o planeamento democrático; a participação das organizações representativas dos trabalhadores na definição das medidas económicas e sociais.

A constituição é o instrumento onde permanecem os princípios de uma organização económica baseada numa economia mista, em que coexistem o sector público, privado, cooperativo e social dos meios de produção, não monopolista nem latifundista.

É neste documento que estão declaradas as obrigações do Estado em relação a áreas de suma importância como: a educação e o ensino, a saúde, a segurança social e a cultura.

É na Constituição da República que ainda vigoram princípios fundamentais para a organização do Estado: a independência dos tribunais, a autonomia do Ministério Público, a importantíssima autonomia do Poder Local democrático.

É nela que se estipulam os justos princípios que devem orientar as relações internacionais e pelas quais Portugal se deve reger – os princípios da igualdade entre os Estados, da solução pacífica dos conflitos, da não ingerência nos assuntos internos de outros Estados, o desarmamento e a dissolução dos blocos militares.

Foi o património dos ideais de Abril e da Constituição que promoveu o salutar esclarecimento dos cidadãos. É o projeto que ela defende que pode relançar Portugal, reacender a esperança do povo português, apontar soluções.

E com a Constituição da República e os valores de Abril que Portugal tem de aproveitar as potencialidades que dispõe, que existe um caminho alternativo, alicerçado na produção nacional, que é possível gerar mais riqueza que esta pode e deve ser distribuída de uma forma mais justa.

A título de exemplo, refira-se que vivemos num país com uma área superior à da U.E., entre o território de Portugal continental e Z.E.E. (Zona Económica Exclusiva) – área marítima (que inclui as regiões autónomas dos Açores e Madeira) – são cerca de

4 milhões de Km2, que encerram riquezas incalculáveis. Um espaço estratégico para a defesa da soberania e afirmação do nosso país.

A afirmação de Portugal é tanto mais importante, quando hoje vivemos numa Europa que em tudo contrasta com “Abril” e contradiz a Constituição, com um progressivo retrocesso dos direitos humanos, uma opção belicista, uma submissão crescente e imparável às forças mais conservadoras que rejeitam os direitos dos trabalhadores e desprezam políticas dirigidas aos grupos mais desfavorecidos.

A decrépita e cercada Europa, onde a expansão dos direitos humanos era afirmada como «eixo principal» da sua construção, olha, sem compaixão, para o «calvário dos refugiados» e vê o Mediterrâneo, esse mar que foi berço da civilização humanista, transformar-se em cemitério.

Presentemente vemos uma Europa que mitiga a soberania, faz renascer a colonização e contamina a democracia, afrontando os valores fundamentais da Gloriosa Revolução de Abril.

Declaramos, aqui: a firme determinação de defender e estabelecer Abril e a Constituição da República; fazer tudo para dar corpo ao projeto de futuro que carrega - democracia, desenvolvimento, descolonização – sendo imperativo exigir, reclamar e lutar pelo retorno ao «modelo civilizacional» que a identificou, a distinguiu, e a tornou admirável na modulação do mundo...

Para terminar a minha intervenção, gostaria de ler um poema de João Apolinário Teixeira, intitulado “É PRECISO AVISAR...”

É preciso avisar toda a gente

Dar notícia, informar, prevenir

Que por cada flor estrangulada

Há milhões de sementes a florir.

É preciso avisar toda a gente

segredar a palavra e a senha

Engrossando a verdade corrente

duma força que nada a detenha.

É preciso avisar toda a gente

Que há fogo no meio da floresta

E que os mortos apontam em frente

O caminho da esperança que resta.

É preciso avisar toda a gente

Transmitindo este morse de dores

É preciso, imperioso e urgente

Mais flores, mais flores, mais flores.

VIVA A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA

VIVA O 25 DE ABRIL, VIVA PORTUGAL SOBERANO

25 DE ABRIL SEMPRE, FASCISMO, NUNCA MAIS!...

Exmos Srs. Deputados Municipais

Exmos Srs. Vereadores

Exmo Sr. Presidente da Câmara

Exmo Sr. Presidente da Assembleia Municipal

Minhas Senhoras e meus senhores

Comemoramos hoje a revolução do 25 de Abril. O dia em que finalmente se passou a viver em liberdade!

Havia um País a 24 de Abril que morreu e nasceu outro a 25, foi há 42 anos.

O País velho e cansado, onde as proibições eram muitas, dava lugar a uma nova realidade. Um País onde até era proibido pensar, passou de repente a ser proibido proibir.

Celebrar hoje o 25 de Abril é falar de um passado distante na memória, tão distante que muitos parecem já não relembrar o que antes acontecia.

As limitações, as perseguições, os presos políticos, a impossibilidade das pessoas escolherem o seu destino e os seus governantes.

Presto a minha homenagem a todos aqueles que lutaram e sofreram na pele para que se terminasse a mais longa ditadura da Europa.

Ao longo destes anos, aqui na casa da democracia em Borba já muito se falou sobre a revolução e difícil seria para mim acrescentar algo de novo.

Gostaria de falar sobre dois acontecimentos que só foram possíveis com as conquistas de Abril, e que neste ano de 2016 completam quatro décadas.

Falo da Constituição da República Portuguesa e das primeiras Eleições Autárquicas livres.

A Constituição da República Portuguesa é ainda hoje um dos grandes pilares da nossa democracia, e é exactamente no dia de hoje que cumpre 40 anos que entrou em vigor.

Ao longo destas quatro décadas, já por algumas vezes foi alterada, ou seja já houve acordo entre os deputados para que fossem acrescentados, alterados ou até eliminados alguns artigos da Constituição inicial. E, para que se possa efectuar alguma revisão constitucional, como sabemos, é exigível uma maioria de dois terços de deputados em funções.

Verificamos assim que já por algumas vezes os nossos deputados, conseguiram eliminar diferenças e gerir amplos consensos, o que actualmente não se tem afigurado possível.

Nos últimos anos temos assistido a muitas recorrências ao Tribunal Constitucional, sobre leis e diplomas, quer seja por dúvidas do Sr. Presidente da República, quer por solicitação dos partidos da oposição.

Muitas das medidas propostas pelo anterior executivo, ao serem chumbadas no Tribunal Constitucional, provocavam desde logo acusações dos partidos de esquerda de que o mesmo governo lutava contra a constituição e não queria governar sobre as regras da democracia.

Curiosamente um dos partidos que era o mais incisivo nestas acusações, o Bloco de Esquerda, é o mesmo que não se coibiu de

criticar dura e abertamente o Tribunal Constitucional, quando o mesmo não legislou, como o Bloco pretendia, no recente caso da Subvenção dos políticos.

Elegemos há pouco um novo Presidente da República, dando assim cumprimento aos artigos n.º 1 e n.º 121 da nossa constituição, que referem ser Portugal uma República soberana, baseada na vontade popular e o Presidente da República é eleito por sufrágio universal, directo e secreto dos cidadãos.

Não se compreende como é possível, vivendo em democracia plena há mais de 40 anos, partidos políticos com assento parlamentar, como o Bloco de Esquerda, o PCP e o PEV, numa gritante falta de cultura democrática não aplaudiram o novo Presidente da República quando o mesmo tomou posse?

Passando agora para ao outro acontecimento referido, as primeiras eleições autárquicas livres, as mesmas vão completar 40 anos no próximo dia 12 de Dezembro.

A partir de 1976 os cidadãos portugueses passaram a poder eger os seus autarcas através do voto. Assim, puderam escolher aqueles que deveriam ter como ambição primeira melhorar as condições de vida, dos seus concidadãos.

Infelizmente, nem sempre os escolhidos honraram as expectativas dos eleitores...

Foi-se criando assim um desencanto crescente em relação aos políticos e a tanta suspeição generalizada. Recordo-vos o que disse no meu discurso de tomada de posse “devemos nós dar o exemplo no nosso concelho”, pois também a mim me envergonha pertencer a uma classe em que alguns não são

sérios e honestos. Acredito plenamente que aqueles que não são dignos dos nossos votos, são uma minoria.

Situações como estas em tempos tão difíceis que atravessamos, levam a uma menor participação por parte do eleitorado. E o eleitorado cada vez mais descontente, e, por inerência mais abstencionista, é o eleitorado jovem, aquele que devia rejuvenescer a nossa democracia, pois temos agora gerações melhor preparadas academicamente.

Considerando o atrás exposto e acreditando que é nossa obrigação tentar diminuir o absentismo, aproveitava para desafiar o Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal, a propor um repto de parceria com a nossa escola no sentido de explicar aos jovens como funcionam as eleições para os diferentes órgãos de soberania que a Constituição prevê.

Como sabemos, no pós 25 de Abril, chegou a existir em alguns planos de estudo, a disciplina obrigatória de Introdução à Política. Perante este desencanto e desinteresse, talvez estas acções de sensibilização e esclarecimento a que me refiro, possam, no futuro, levar a uma maior participação dos nossos jovens, tal como todos desejamos. Naturalmente estarei disponível para o acompanhar na concretização desta proposta se entender levá-la a cabo.

Apesar do desencanto acima descrito, a palavra democracia que significa “vontade do povo”, sobreviveu! E será mais forte quantas mais vezes ela se impuser sobre todas as outras alternativas de governar uma nação, principalmente aquelas que tendem a limitar as liberdades e a oprimir ...

É portanto necessário, mantermos bem vivo o espírito de Abril!

Foi há 42 anos. Naquela manhã, o povo em festa, tomou conta das ruas e o cravo foi santo-e-senha de uma nova era. Por todo o País os novos direitos foram proclamados.

Valeu a pena a revolução pela liberdade que nos trouxe!

Permitam-me então recordar as palavras de Sophia de Mello Breyner num seu poema que tão bem sintetiza este pensamento:

“Esta é a madrugada que eu esperava, o dia inicial inteiro e limpo onde emergimos da noite e do silêncio e livres habitamos a substancia do tempo”...

Viva a Liberdade!

Amem 8
PS

Comemoração dos 42 anos do 25 de Abril 2016

Partido socialista

Exmo Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Exmo Senhor Presidente da Câmara Municipal

Exmos Senhores Vereadores

Exmos Presidentes de juntas de Freguesia

Exmos Mernbros da Asseemblea

Meus senhores e minhas senhoras

Faz hoje 42 anos que Portugal foi alvo de um processo político e de democratização .

A revolução dos “cravos” pôs termo á ditadura e implementou o regime democrático.

O povo saiu ás ruas, os presos políticos foram libertados e a liberdade foi conquistada.

Nascia a democracia, e surgiram movimentos socais e políticos.

Os Borbenses mobilizaram desde logo.

A Comissão administrativa da Câmara foi de imediato constituída por filhos da terra e com referencias democráticas.

O concelho de Borba á semelhança de muitos outros era desfalcado de infraestruturas.

Havia carência de equipamentos públicos nas mais diversas áreas: Educação; saúde; culturais e recreativos.

Para atalhar muitas destas necessidades a população se auto organizou das mais diversas formas: Cooperativas agrícolas e de consumo; comissão de base de saúde e de moradores.

Muitas foram as reformas pelos quais o povo lutou contempladas e traduzidas na lei fundamental a Constituição da Republica .

E ao contrario dos dias de hoje, a participação das populações no primeiro ato eleitoral, foi de 91% nas eleições para a Assembleia da Republica em 1975 .

Hoje vivemos com imensas perplexidades, os cidadãos afastaram-se do debate público e até da participação cívica.

A politica nos dias de hoje, tornou-se uma atividade suspeita sinónimo de oportunismos, corrupção e clientelismo.

É neste contexto, que surgem vozes, a favor de uma maior participação quer através do uso das novas tecnologias, quer num maior desempenho das assembleias municipais.

Por isso é importante, incrementar referendos, fomentar uma maior descentralização do poder central, e uma maior participação das populações na construção de orçamentos participativos.

Pois, expressar Abril é e será sempre, sinónimo de LIBERDADE, pilar principal da democracia. Só com democracia se poderá defender os mais elementares os direitos cívicos e humanos.

Devemos ter sempre presente os ideais de Abril e continuar a alimentar os sonhos de um futuro mais risonho e solidário.

Após todos estes anos, Portugal vive hoje dias difíceis e de grandes incertezas. A crise financeira mundial, que desde 2008 tem vindo a criar problemas, de natureza económica e social, não só em Portugal como em vários países da europa.

Foi imposto aos portugueses um esforço sem precedentes, que não resolveu nem problemas estruturais nem atenuou a dívida.

É pois tempo de virar a página da austeridade, de promover novas políticas que ponham termo a esta situação económica e social em que vivemos. Hoje com o atual governo vivemos novos momentos de esperança.

É preciso colocar de novo a economia ao serviço do país e das classes mais vulneráveis.

Daí a importância de comemorar ABRIL, procurar novos caminhos e acreditar ser possível restituir as conquistas até então alcançadas.

Que este 25 de ABRIL nos traga confiança e esperança no futuro. É legítimo voltar a sonhar tal como os capitães de Abril sonharam, na procura constante de liberdade e democracia.

Somos a geração depositária desta herança e compete-nos a nós passar este legado aos nossos filhos.

E como disse Manuel alegre *“Abril já feito e ainda por fazer”*

-VIVA O 25 DE ABRIL

-VIVA A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

- VIVA A LIBERDADE

- VIVA A TODOS OS BORBENSES

Discurso 25 Abril de 2016

Bom dia,

Excelentíssimo Sr. Presidente da Assembleia Municipal de Borba,

Excelentíssimo Sr. Presidente Da Camara Municipal de Borba,

Excelentíssimos Sr. Vereadores,

Excelentíssimos Membros da Assembleia,

Excelentíssimos Sr. Presidentes de Junta,

Caras e Caros Convidados,

Caras e Caros Cidadãos de Borba,

Estamos aqui hoje para celebra os 42 anos da Revolução de Abril.

Foram momentos que não vivi, pois a minha geração viria depois da revolução, rezam as historias que o povo conta que a fome estava presente em cada família, a educação misturava-se com o trabalho.

Não existia liberdade nem dignidade, a opressão estava presente em cada esquina.

Mas estávamos em Portugal país outrora de navegadores, exploradores, corre-nos nas veias a coragem.

A "CORAGEM" com que aqueles jovens, sim porque Salgueiro Maia era um jovem, quando comandou outros tantos como ele.

Que perceberam que só com uma Revolução conseguiriam dar ao povo a Liberdade, e acabar com a ditadura.

Foi um ato de referência para outros tantos países que viviam na opressão e procuravam a liberdade, ficou conhecida lá fora como a "revolução dos cravos", pois ninguém imaginava realizar uma revolução sem derramar uma gota de sangue, era impensável.

Após o 25 de Abril foram várias as conquistas, a conquista pelos direitos entre Homens e Mulheres, o respeito pela sociedade, a justiça social, e o direito á maior conquista que podemos ter, o voto a democracia.

É um passado histórico que não devemos esquecer, devemos celebrar mas também relembrar, reviver e explicar ás novas gerações os motivos e as causas da sua origem, para que estes possam dar o devido valor á sua liberdade atual.

Os jovens de hoje desacreditam no poder político da atualidade, seja ele local ou central perderam o respeito pela memória do 25 Abril, é nossa obrigação, os políticos de hoje e de amanhã trabalhar mais e melhor para os jovens, e voltar a reconquistar a sua confiança, pois são eles o futuro do País.

É com muita tristeza que todos os dias tomo conhecimento que cada vez mais jovens são obrigados a sair do País que os viu nascer, formou e educou é uma perda nalguns casos irreversível.

É da responsabilidade do poder central e do poder autárquico local evitar o crescimento de emigração.

Só com fixação de jovens se pode evitar a desertificação do interior Alentejano.

Eu, sou Borbense á 36 Anos, passei seis anos fora na minha formação académica, e voltei para criar raízes na minha terra, agora que sou Pai, vejo com muito mais preocupação o futuro daqueles que um dia poderão querer voltar à sua terra, e esta não lhe poder dar a oportunidade que eu tive.

Talvez esta lacuna da sociedade seja um dos resultados das constantes crises financeiras e económicas que o nosso País tem sofrido, basta abrir um jornal, ligar a televisão e as notícias são sempre as mesmas a " crise financeira".

Aos olhos do povo, a justiça não funciona o poderoso sistema bancário comanda todos os rumos, cria uma desigualdade na sociedade que levarão anos a remediar, e quem paga é sempre o mesmo o "povo".

NUMA terra onde os idosos são cada vez mais, não os podemos esquecer, é da nossa responsabilidade lutar pela justiça social, combater a exclusão social, devemos mudar a nossa atitude e apostar mais na solidariedade.

O emprego escasseia numa terra em que as empresas não apostam, a agricultura agora e o mármore outrora são geradores de emprego, pede-se às autarquias outro papel na sociedade que não o da empregabilidade.

Com diversos recursos naturais e culturais, devemos apostar noutras linhas orientadoras, será necessário planejar outro mecanismo, que gere a criação de emprego, ter uma visão diferente outra atitude, não podemos é ficar estagnados a ver outros evoluírem e a nossa terra igual ano após ano.

Cabe-nos a todos nós ter o objetivo de querer mais e melhor para Borba, acreditar em Borba, lutar por Borba, trabalhar por Borba, temos essa ambição, essa capacidade, não podemos desaproveita-la, ou ignora-la mas sim usa-la.

Viva a Liberdade

Viva o 25 Abril

Viva Borba

Muito Obrigado

DISCURSO DO 25 DE ABRIL DE 2016

Ex.mº. Sr. Presidente da Câmara

Ex. mº. Srs. Vereadores

Meus ilustres pares

Estimados concidadãos e convidados

Minhas senhoras

Meus senhores

Celebramos hoje o 25 de abril, daquele já remoto ano de 1974, e gostaria que fosse uma data sempre renovada a cada ano que passa, vestida sempre com novas roupagens, com a maior originalidade possível, de maneira a torná-lo sempre como se uma novidade renascida.

O 25 de abril nunca deverá tornar-se uma data de acomodação, de desinteresse generalizado, com manifesta perda de valor intrínseco, pela sua repetição ou pelo tempo transcorrido, muito ao contrário, deverá ser sempre recordado e enaltecido não só pelas suas reais consequências económicas sociais e políticas, mas também pelo seu simbolismo.

A acção libertadora dos militares a 25 de abril de 1974, imediatamente secundada pelo povo que a eles se juntou nas ruas, permitiu abrir caminho para as liberdades que hoje desfrutamos.

Ouvimos, há pouco, os nossos jovens que embora não tendo a felicidade de testemunhar esta vivência, tornada de importância

fulcral na nossa história e bem assim acontecimento mundial, passados todos estes anos, ainda perdure nesta geração uma noção clara do que então empolgou a grande maioria dos portugueses.

Foi para mim motivo de júbilo a evidência demonstrada de que o testemunho tem sido passado de forma cuidada aos que virão depois.

Nada me daria maior prazer do que, aqui e agora possuir a condição e a autoridade de contradizer frontalmente Aristóteles quando dizia *“O tempo consome as coisas e tudo envelhece e perde valor com o tempo”*.

Não podemos deixar esmorecer em todos nós, o espírito do 25 de abril, mas principalmente nas gerações vindouras, que embora vivendo tempos de imediatismo efémero, de insegurança, de incerto futuro, de horizontes limitados, mas mesmo assim, e apesar de tudo, deverão ser de esperança.

Não queremos que desapareça da nossa história oral e escrita um acontecimento de proporções incomensuráveis, antes procurando a cada ano que passa manter aceso aquele farol de liberdade e de democracia que aos mais velhos então ofuscou.

Como nos alertava Eduardo Lourenço em os *“Militares e o Poder”*, com erudita sabedoria, *“a nossa Revolução serviu realmente para alguma coisa de irreversível, mas não devemos crer cegamente que a nossa situação relativamente confortável de Homens de esquerda – refiro-me à recuperação da dignidade cívica, à sua expressão política, à esperança de poder intervir com êxito no campo social – possa manter-se sem vigilância extrema e*

renovação profunda neste caminho preservado de uma Europa que neste momento é não só pouco democrática, mas militante e determinadamente antidemocrática”.

De facto esta antevisão revelou-se exacta se olharmos para os ventos que fustigam presentemente Portugal, a europa e o mundo.

Após 42 anos de vida democrática a sociedade portuguesa apresenta ainda problemas muito graves; como sejam a pobreza, cuidados de saúde insuficientes, o desemprego principalmente nos mais jovens que mesmo com elevada qualificação, são obrigados a abandonar o país em busca de melhores condições económicas, do mérito e do reconhecimento.

A incapacidade de regular o sistema financeiro/bancário; a injustiça social, a falta de condições para os mais desprotegidos, são alguns entre outros, os flagelos que nos faltam resolver.

Espectadores passivos das condições desumanas dos refugiados, fugidos da guerra nos países de origem, todavia vão morrendo, crianças, mulheres e homens por afogamento, pela fome, pela doença, e por falta de condições mínimas de existência, apenas por negligência ou inércia daqueles que poderiam actuar de maneira humanamente aceitável mas que permanecem agarrados aos seus mesquinhos e intoleráveis egoísmos pessoais e patrioteiros.

As acções terroristas que vão fustigando todo o mundo, cada vez mais inesperadas e que, quer se queira quer não, vão expandindo o medo e assim atentando contra a nossa tranquilidade e estilo de vida, tonando-nos agora mais securitários.

A inacreditável banalização da morte, irrelevante em vários pontos do globo, tornou-se lugar comum neste nosso tempo de manifesta insensibilidade.

As questões ecológicas e ambientais são sucessivamente negligenciadas, pasto da ganância irracional dos detentores do poder, vão colocando o nosso futuro como habitantes deste planeta em situação altamente precária.

Acresce a tudo isto a corrupção tornada global, atingindo uma escalada inimaginável, a avidez do capital financeiro asfixiando pelo garrote da dívida os países de mais fracos recursos, a falta de investimento reprodutivo, além do desprezo por quem produz riqueza, vão completando o tenebroso quadro do mundo hodierno.

Uma vez mais aqueles que maior sentimento de solidariedade deveriam merecer, vão ficando cada vez mais desprotegidos, joguetes de lamentáveis políticas, já que as culpas não são sequer repartidas pelos principais prevaricadores, mas antes como a história nos demonstra à exaustão, suportada sempre pelos mais débeis.

Apesar de tudo o que disse antes, não resisto à tentação de citar António Gramsci, filósofo italiano que nas suas cartas da prisão datadas de 19/12/1929 escrevia com grande propósito, **“do pessimismo da razão ao optimismo da vontade”**, eis presentemente também a minha ambivalência.

Vou terminar, mas antes gostaria de parafrasear o nosso maior vate, dizendo simplesmente que gostaria que o 25 de Abril **“se fosse da lei da morte libertando”**.

Viva o 25 de abril sempre.

Viva Borba

Viva Portugal.

